

RESPOSTAS À ANGÚSTIA
Maria Luiza Mota Miranda (Salvador) (lmmmiran@ig.com.br)

A variedade fenomenológica das respostas à angústia

É inegável a capacidade humana para inventar uma variedade de respostas à angústia. No texto *A civilização e seus descontentamentos*¹ Freud já se referia às medidas paliativas - a religião, a arte, a ciência, o trabalho, as substâncias tóxicas, o amor, a beleza, a estética e, mesmo, a civilização-, como métodos que os homens utilizam para afastar o sofrimento e a angústia. Na série lacaniana encontramos o desejo, a castração, a fantasia e os atos como remédios à angústia.

A angústia coletiva produzida pela mostração em rede televisiva ao mundo da queda das Torres Gêmeas, nos E.E.U.U., tem como resposta a publicação em massa de livros e artigos, modo de dar sentido ao ato terrorista. Medidas imediatas são também tomadas pelos governos, sinalizando que o fenômeno da angústia impulsiona o homem a atos e produções no sentido de aplaca-lo.

Os sintomas atuais como tentativas de liberação da angústia, os atos bulímicos, toxicomaníacos e as síndromes de pânico geralmente se configuram em soluções que minimizam a via simbólica.

São saídas que recorrem ao sentido, aos campos simbólicos, mas, principalmente, às soluções pelos atos, por demonstrarem aí uma maior eficácia.

A função da angústia no tratamento

A intensa incidência da angústia no mundo atual reverbera na clínica analítica, sendo muitas vezes a angústia a queixa condutora do paciente ao tratamento. Não obstante, ela se apresenta no decorrer da análise, constituindo-se em algumas ocasiões num embaraço para o sujeito e para o tratamento.

A pergunta intrigante de Jacques Lacan, “como os analistas vão se arranjar com a angústia”², anuncia, por um lado, uma condição de irreducibilidade, pois, se vou me arranjar com isso, com a angústia, é porque não posso resolvê-la de todo. Por outro lado, também anuncia Lacan, tanto analista quanto paciente padecem de angústia³, desse fenômeno poderíamos dizer que, enquanto humanos, enquanto falantes, não escapamos, pois, ela irrompe para qualquer um. É necessário no

¹ - FREUD, Sigmund, *O Futuro de uma Ilusão o Mal-estar na Civilização*.(1927-1931). *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud, Volume XXI, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, Primeira edição, agosto de 1977.

² - LACAN, J – *Lê Séminaire livre X, L'angoisse*, (pg.15). Éditions du Seuil, mai 2004, Paris.

³ - Iden, Ibidem.

entanto separar a angústia do analista da angústia do paciente, pois, sobre isso, Lacan também assinala, trata-se de duas condições diferentes⁴.

Se ultrapassa à ética da psicanálise erradicar a angústia, enquanto fenômeno essencial da condição humana, o que delimita a nossa esfera de atuação, no sentido da condição de possibilidade do tratamento da angústia, no entanto, dosa-la ou ultrapassa-la faz parte de nossa função que é a de “melhorar a posição do sujeito”⁵. Podemos assim interrogar que outros dispositivos ou estratégias dispõe o analista quando atua numa clínica em que as manifestações maiores são de angústia.

O interesse maior desse estudo é considerar a função da angústia na práxis psicanalítica. Lacan localiza esta função nos momentos do aparecimento da angústia, momentos que servem de balizadores para o analista⁶. A angústia sinaliza o aparecimento do objeto *a*, de um modo de gozo que embaraça o sujeito por sua estranheza ao campo do conhecimento e da representação. A angústia lacaniana possui uma relação essencial com o desejo do Outro, situando-se na dialética entre esse desejo e a identificação narcísica⁷.

A angústia articulada à posição subjetiva

No *Seminário X* Lacan procura localizar a angústia na clínica, das neuroses, da fobia, da perversão, da psicose, incluída aí a posição do analista, considerando a posição subjetiva em cada caso. Ele examina a fobia do pequeno Hans como um exemplo clássico da tentativa de dissolução da angústia na perspectiva da castração, afirmando, em 1975, que a castração é um gozo porquanto nos libera da angústia⁸. O cavalo, enquanto representação, imaginária, permite o afastamento da criança da presença excessiva do objeto invasor, seja este o Outro da demanda incondicional, a mãe, por exemplo, seja este o seu pênis, inflado pela excitação, que Hans descobre. “A angústia é justamente algo que se situa alhures em nosso corpo, é o sentimento que surge dessa suspeita que nos vem de nos reduzirmos ao nosso corpo”.⁹ Se Hans se lança na fobia é “para dar corpo ao embaraço que há neste falo e para o qual ele inventa toda uma série de equivalentes diversamente escoiceantes sob a forma de fobia aos cavalos”¹⁰. O animal fóbico, representando o falo, o gozo fálico, é algo do qual é preciso que o sujeito tome distância.

Destaca-se aí a dimensão da constituição do sujeito e a localização da angústia no momento em que a criança se vê embaraçada com a irrupção de um gozo do corpo, do pênis (que poderá se prestar a uma equivalência fálica) que desperta e o atormenta. Mas o atormenta porque a criança se

⁴ - LACAN, J – *Lê Séminaire livre X, L'angoisse*, (pg.15). Éditions du Seuil, Paris, mai 2004.

⁵ - Iden, *Ibidem*, (pg.70).

⁶ - Iden, *Ibidem*, (pg.15).

⁷ - Iden, *Ibidem*, (pg.14).

⁸ - LACAN, J – *Seção de Encerramento da Jornada de Estudos dos Cartéis da Escola Freudiana*, 1975.

⁹ - LACAN, J – *La tercera*. Intervenciones y Textos 2, 1974. Ediciones Manantial, Argentina, 1988.

¹⁰ - LACAN, J – *Seminário R.S.I* (1974/1975), Inédito.

pensa incondicionalmente prolongamento deste e do campo do Outro, não havendo separação, distancia entre sujeito e objeto. A criança portanto concebe a sua existência inextrincavelmente enlaçada a um Outro demandante e a um objeto promovedor de gozo¹¹. Também a solução fóbica para Lacan é um modo de sustentar a relação da angústia com o desejo¹².

As manifestações da angústia no início de uma análise geralmente apontam para o falante numa posição em que se pensa subjugado ao Outro, às suas demandas e à mercê da exigência pulsional. É assim que Carlos sente muita angústia toda vez que se deixa convocar pela faculdade para uma prova ou apresentação de trabalho. A intervenção da analista faz surgir uma representação na qual ele se sente exigido a esgotar toda a produção sobre o assunto, como se tivesse que “ler uma biblioteca inteira”. Interrogar-se sobre essa exigência que supõe provinda do pai abre espaço necessário ao surgimento do desejo, promovendo uma acalmia temporária da angústia. Desse modo o dispositivo analítico possibilita uma dosagem do sofrimento, ao introduzir a representação, a cadeia discursiva, elementos essenciais à análise. Parece ser essa a direção lacaniana com a proposição que a angústia é um tempo anterior ao tempo de saber o que quer dizer a relação do sujeito com o desejo do Outro¹³.

Se a angustia aparece quando o sujeito não pode se interrogar sobre quem ele é no desejo do Outro, possibilitar ao sujeito o acesso à representação de quem ele é nesse desejo, é um modo de se arranjar com a angústia, podemos concluir. Aliás, interrogar-se sobre sua posição diante da demanda e do desejo do Outro não é uma condição essencial da entrada em análise?

A posição toxicômana: resposta pelo ato de se drogar e pela nomeação

A posição toxicômana com suas freqüentes manifestações de angústia parece ter no objeto droga uma resposta temporariamente eficaz. Em Marmothan, centro parisiense de atendimento a toxicômanos, o quarto dia de abstinência é conhecido como o dia da angústia, no qual o corpo assistencial providencia a solução substitutiva pelo ansiolítico. O toxicômano se pensa numa dependência tal que equivale o seu ser ao uso de substâncias psicoativas.

Quando está abstinente Vinícius é acometido de uma angústia sem fronteiras que toma ilimitadamente o seu corpo. Ao mesmo tempo deve atender ao apelo da mãe de que ele pare de se drogar, pois, se ela morre, não saberia o que fazer sem ela. A internação possibilita uma contenção física onde a resposta farmacológica também alivia as dores da angústia. Na saída da internação faz uma tatuagem que, como a droga, permite localizar no corpo um gozo ilimitado que o invade.

¹¹ - MIRANDA, M.L.M -*Quando o ato dissolve a angústia*. Trabalho apresentado na VIII Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia. IV Jornada do Instituto de Psicanálise da Bahia. Nov/2001.

¹² - LACAN, J – *O Seminário, Livro 8, A Transferência*. (PG.32) Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro 1992.

¹³ - LACAN, J – *Lê Séminaire livre X, L'angoisse*, (pg.32). Éditions du Seuil, mai 2004, Paris.

É comum também o toxicômano utilizar outra alternativa substitutiva, estratégia que sustenta a proposta terapêutica dos Narcóticos Anônimos. Trata-se de uma alienação reforçada, uma identificação bruta com o dito *eu sou toxicômano*, lema do N.A., que permite, em muitos casos, sustentar a abstinência por anos. A nomeação aqui funciona como ponto de basta, um modo de existência que aplaca a angústia.

A conexão entre a angústia e sua liberação pela droga é também resgatada por Lacan na perspectiva da dimensão da constituição do sujeito, em que aquela aparece como solução de ruptura com a dimensão fálica. Se, pela fobia, o sujeito apela para uma representação imaginária, que possui uma referência no mundo, pondo em evidência o gozo fálico; pela droga vai buscar no mundo, outro modo de gozo, através da substância, rompendo assim com o gozo fálico e com a relação tão problemática com o Outro¹⁴.

A proposição lacaniana de que a angústia produz o exercício de um ato, de que o agir arranca da angústia a sua certeza, tem servido de bússola na clínica das toxicomanias, favorecendo o estabelecimento de estratégias, sejam interpretativas, sejam em ato, que ampliem a dimensão do fazer do toxicômano, estendendo-os a outros modos de satisfação, multiplicando-os através de oficinas ou recursos extra-institucionais, oferecendo a possibilidade de outros atos, além do de se drogar. São ordenamentos que apontam para outra modalidade de circunscrição de gozo, possibilitando um reposicionamento desses indivíduos¹⁵.

As soluções para a angústia são compatíveis com a posição do falante

Se as saídas simbólicas e as saídas via ato são medidas paliativas, amortecedores da angústia, o que a análise nos ensina sobre essas diferentes escolhas? Primeiro que o nível de irrupção e de dosagem da angústia em cada um é compatível, tem relação com a posição na qual o falante se encontra. Suponho que podemos tomar nessa mesma direção o exame que faz Miller da irrupção do objeto estranho, angustiante nas três dimensões imaginária, simbólica e real¹⁶.

A irrupção da angústia na transferência

Durante as análises observamos o aparecimento da angústia vinculada à transferência. Quando isso ocorre é importante extrair as conseqüências para a clínica, como o analista pode se

¹⁴ - MIRANDA, M.L.M. - *Quando o ato dissolve a angústia*. Trabalho apresentado na VIII Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia. IV Jornada do Instituto de Psicanálise da Bahia. Nov/2001.

¹⁵ - MIRANDA, M.L.M., NUÑEZ, M. E., QUEIROZ, A., REGO, M., – *Estratégias clínicas em uma instituição para toxicômanos*. Trabalho apresentado no 3º Encontro americano do campo freudiano. B. A., 2005.

¹⁶ - MILLER, J.-A. – *Vi- Um fio de Ariadne. Introdução à leitura do Seminário 10 da Angústia de Jacques Lacan. Opção Lacaniana, 43*. Edições Eólia, S. P., maio, 2005.

servir desse fenômeno para manter o paciente no discurso analítico. É a idéia de lacaniana da angústia sinalizadora para o tratamento.

A obra de Lacan oferece muitas críticas às conduções em que o analista toma como “ideal o seu ser, como sujeito do inconsciente”¹⁷. A condução nesta concepção termina por suscitar no paciente a angústia, como ainda fenômenos de afeto, acting out ou passagens ao ato¹⁸. Predomina aí o aparato imaginário como suporte maior da experiência no manejo da transferência.

O ensino de Lacan seguirá com a necessidade de levar a análise na perspectiva do real, numa antinomia entre o real e os semblantes, separando o simbólico do imaginário. Todavia, mesmo na referência lacaniana constatamos muitas vezes a angústia na transferência no decorrer das análises, como ainda a sua cristalização, ocasionando perturbações e mesmo interrupção do tratamento.

Uma primeira consideração a esse respeito é a suposição de que quando nas entrevistas iniciais as condições de análise não foram bem estabelecidas, a ocorrência da angústia será mais freqüente.

A segunda consideração: quando na análise o sujeito responde com angústia e nela se mantém cristalizado, é possível supor que, em lugar do operador desejo do analista entrou em circuito a pessoa do analista, encarnando o modo de gozo do paciente. Destaca-se nesse caso a posição do analista como responsável pelos efeitos de cristalização da angústia, provocados no sujeito. Sinalizam para o analista que o dispositivo saiu do lugar, aí permanecendo. O operador desejo do analista cede lugar à pessoa do analista. Dois exemplos:

Paulo interrompe o tratamento e, após um tempo de interrupção, informa à analista que ir às sessões começou a lhe provocar muita angústia. Estava feliz assim. No início, quando das entrevistas, compareceu com uma queixa, desencadeada por uma dificuldade, naquele momento, de responder a uma demanda familiar. Pode realizar uma demanda de análise que, no entanto não se sustentou, prevalecendo a identificação ao ideal. A analista pode verificar o seu comparecimento no lugar do Outro da demanda, de que Paulo se analisasse, deslizando da função que lhe cabia.

Cíntia se paralisa na demanda, a voz imperativa do Outro ressoa como um shofar, com intenso peso, levando-a a crises de angústia e a uma afetação sofredora. No decorrer da entrevistas a analista lhe coloca uma condição de tratamento que ecoa como uma sentença perturbadora que provoca furor em Cíntia. Interpreta como erro da analista, e não suporta o que supõe ser uma falha, pois a exigência é do ideal de perfeição, sem falhas. Acusa a analista, chegando ao limite da ferocidade da injúria, como às vezes se sucede em outras situações em que se deixa ameaçar pela demanda. Só resta à analista interromper o tratamento e indicar-lhe o prosseguimento da análise com outro psicanalista. Oito meses depois Cíntia solicita retornar ao tratamento, podendo modalizar

¹⁷ - MILLER, J.-A. – *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Ediciones Paidós, Buenos Aires, 2004.

¹⁸ - VILLALBA, I. – Um descaminho: O acting out.

a sua demanda, dessa vez, desde o início. Já pode incluir a falta do Outro e continua a examinar a prevalência de gozo do objeto voz da demanda imperativa. Dessa vez a analista faz uma intervenção excessiva, encarnado a voz que Cíntia supõe reduzi-la ao objeto, ao “lixo”. Responde com angústia, mas, dessa vez, não paralisa. Na sessão seguinte, interroga o excesso, como a sua identificação ao objeto, dejetos, e ri diante da falta do Outro.

Nos campos imaginário e simbólico a função angustiante está ligada à presença irruptiva do objeto que arremessa o sujeito a uma dimensão radicalmente estranha ao eu, estranha a qualquer forma de especularidade, exilando o sujeito de sua subjetividade¹⁹. Sem o recurso à representação, na confrontação imediata com o objeto *a*, o sujeito não sabe qual objeto *a* ele é no desejo e na demanda do Outro. “Esse Outro, antes de saber o que isso quer dizer, minha relação com o seu desejo, quando estou na angústia eu coloco esse Outro inicialmente aí”²⁰. É o que Lacan nos ilustra com o exemplo do louva-deus.

O dispositivo analítico, ao acionar a introdução da dimensão do sentido, da representação e do ato analítico, possibilita ao sujeito deparar-se com a castração, com a demanda do Outro e de se constituir nesse vazio que lhe permite dividir-se e se interrogar sobre a sua posição no desejo e na demanda do Outro, possibilitando a construção deste resto que é objeto *a*. Se faltarem as operações analíticas esse resto que escapa à articulação significativa e é excluído da identificação corre o risco de ficar fora e de se ligar ao Outro via laço dos afetos, da angústia.

Se Lacan situou a posição do analista na modulação da contingência, isso parece apontar que na direção da cura é necessário ao analista verificar constantemente o valor de verdade do seu ato, de sua interpretação. É importante estar advertido para os efeitos de real e de imaginário que o seu ato e sua palavra podem provocar no paciente.

Terceira e última consideração: mesmo se as condições da análise são bem estabelecidas, possibilitando a ordenação do discurso analítico, a perspectiva da análise em direção ao real, ao impasse de estrutura, pode suscitar angústia²¹. Miller exemplifica com o final de análise, quando o sujeito se separa do lugar do Outro, podendo deixar do lado do Outro esse pequeno a horrível, “é a função de lixeira do analista”²².

O objeto a no real

Após cinco anos de análise Rosa vai se desfazendo dos ideais religiosos, Deus deixa de ser a sua garantia, abandona a profecia asseguradora das cartomantes. Interrogar-se sobre o seu fazer-se

¹⁹ - LACAN, J – *Lê Séminaire livre X, L'angoisse*, (pg.61). Éditions du Seuil, mai 2004, Paris.

²⁰ - LACAN, J – *Lê Séminaire livre X, L'angoisse*, Éditions du Seuil, mai 2004, Paris.

²¹ - MIRANDA, M.L.M -*As paixões do ser* - VII Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise – Bahia. III Jornada do Instituto de Psicanálise da Bahia. Nov/2000.

²² - MILLER, J.-A. – *Los usos del lapso* (17/11/1999). Ediciones Paidós, Buenos Aires, 2004.

de perfeita e sobre a sentença paterna de que ‘a profissão é pra gente fazer sem gostar’, leva Rosa a finalmente decidir-se por uma outra profissão. Cada desidealização produzida na análise permite-lhe localizar seus grilhões com a dimensão parental, situar-se com a castração paterna e materna e constatar com alívio a dissolução gradativa da angústia relativa à sua representação de fragilidade e de subjugação ao Outro. Por fim, poder fazer ruir a garantia do Outro, via pai e via transferência, provoca em Rosa intensa angústia, que, naquele momento, o apelo à medicação permite dosar. A nomeação de seu gozo, até então localizado timidamente na sexualidade, pela prostituta, Geni, Maria Madalena, ou no atributo que dá ao pai, de carrasco- a nomeação de seu gozo permite-lhe o aplacamento da angústia. O seu medonho, o seu carrasco, o seu objeto *a* agora lhe pertence, destaca-se do Outro. O que se apresentava como uma onda indefinida, interferindo em várias dimensões, pode se particularizar agora pela nomeação de seu gozo.

Lacan ressalta que o desejo vai se constitui na medida em que a angústia seja ultrapassada e que sua ultrapassagem só ocorre quando, na operação analítica, o Outro pode ser nomeado. O ato analítico, diferentemente da passagem ao ato e da ação de se drogar, possibilitaria “levar as coisas além do limite da angústia”²³.

Se a angústia é produtora da função objeto *a*, estando a posição do analista inscrita na mesma série que a do objeto *a*²⁴, só o é como resultado do dispositivo analítico. É por aí que a produção passa pela realização subjetiva²⁵, só se há uma separação entre os objetos da produção daquele que o produz, o que implica a realização da separação do campo do Outro.

Finalmente, a psicanálise é um outro modo de resposta à angústia, enquanto um recurso simbólico que visa que o falante venha lidar com a angústia e com o real sem tanto sofrimento. Segundo Jacques-Alain Miller trata-se da angústia lacaniana, enquanto uma via de acesso ao real, de exercício de uma ação sobre o real²⁶. É a angústia do final do dispositivo analítico, além da dimensão do Outro. É angústia constituinte²⁷, na leitura milleriana, produtora do objeto *a*, aquilo o que resta ao fim de todo pensamento e de todo o discurso²⁸, é o que revela a psicanálise.

Trabalho apresentado no XV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, *Angústia: do que se trata? 12 a 14 de novembro de 2005. Salvador, Bahia.*

²³ - LACAN, J – *Lê Séminaire livre X, L'angoisse*, (pg.390). Éditions du Seuil, mai 2004, Paris.

²⁴ - MILLER, J.-A. – *Vi- Um fio de Ariadne. Introdução à leitura do Seminário 10 da Angústia de Jacques Lacan. Opção Lacaniana, 43*. Edições Eólia, S. P., maio, 2005.

²⁵ - MILLER, J.-A. – *Introdução à leitura do Seminário 10 da Angústia de Jacques Lacan. Opção Lacaniana, 43*. Edições Eólia, S. P., maio, 2005.

²⁶ - Iden, *Ibidem*.

²⁷ - MILLER, J.-A. – *Angústia constituinte, angústia constituída*. Extrato de intervenção durante as últimas jornadas de outono da ECF. Paris, 2005.

²⁸ - WERBEN, C- *Introduction em Correspondance Gottlob Frege-Bertrand Russel*.